



## PÁSCOA ..., RESSURREIÇÃO



Antonio Jurandyr Amadi\*

### - Pedra angular da fé -

Páscoa (Pesach) no Antigo Testamento é a passagem dos filhos de Israel da escravidão do Egito para a liberdade da vida nos chãos da Terra Prometida. Tudo isso através de um passaporte visado pelo anjo de Deus com o sangue dos cordeiros que lhes serviram de ceia ritual antes do momento de partida.

Páscoa é passagem do Antigo Testamento para o Novo, da escravidão do pecado original para a livre conquista de nosso direito de retorno à Canã Celeste pelo drama terrível do Calvário. Ali, como novo, único e definitivo cordeiro imaculado, Jesus, o Filho de Deus, o Messias prometido, visou-nos para todo o sempre, com seu sangue, nossa redenção, nosso direito de volta à casa do Pai.

Páscoa é o sacrifício incruento do altar, repetindo nas Missas, a cada consagração, o drama do Calvário, quando Jesus, por transubstanciação, se faz plenamente presente nas espécies consagradas do pão e do vinho, não só como alimento do corpo, mas sobretudo da alma.

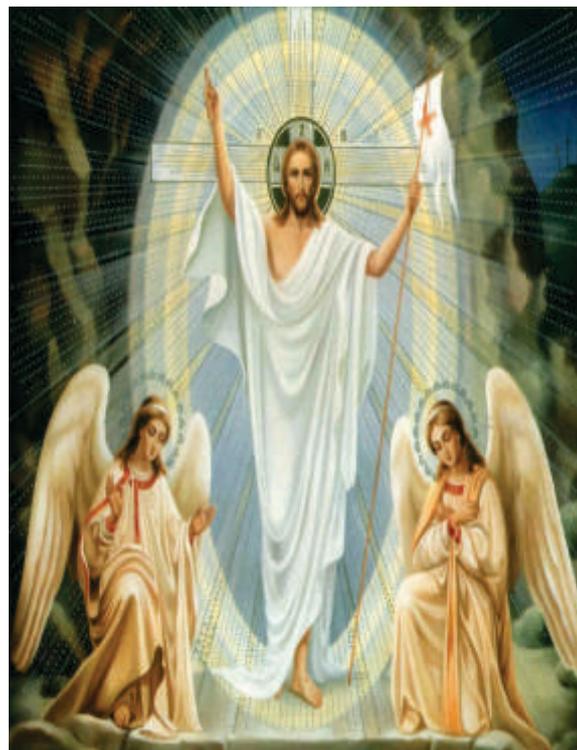
Páscoa é ressurreição. É a garantia de nossa fé. É o centro, a pedra angular para o nosso testemunho cotidiano: "Portanto, seja eu ou eles (os apóstolos), assim pregamos e assim crestes" (Sive enim ego, sive illi (apostoli), sic praedicamus et sic credidistis. I Cor 15, 11). "Se Cristo não ressuscitou, vã é nossa pregação e vã é vossa fé". (Si autem Christus non resurrexit, inanis est ergo praedicatio nostra, inanis est fides vestra. (Cor 15, 14). "Vós estais ainda em vossos pecados". (adhuc enim estis in peccatis vestris. I Cor. 15, 17).

Sem a ressurreição, somos falsas testemunhas e logrados todos aqueles que acreditaram em nossa pregação. São Paulo diz: "se for só para esta vida que temos colocado nossa esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de lástima". (Si in hac vitam tantum in Christo sperantes sumus, miserabiliores sumus omnibus hominibus. Cor. 15, 19).

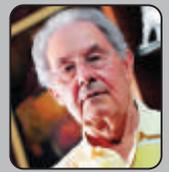
E o Apóstolo completava que, então, antes de se ocupar com um Cristo imaginário, preferia associar-se àqueles que, simultaneamente alegres e tristes, exclamavam: "Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos." (Manducemus et bibamus, cras enim moriemur. I Cor. 15, 32),

Manifestamente cremos na Páscoa da Ressurreição, não como homens de angústia e fantasia, enredados numa ilusão, sem coragem de encarar o contrário, mas como construtores da vida sobre a verdade, onde é única nossa resposta a dar: "ora, eis que Cristo ressuscitou dos mortos." (nunc autem Christus resurrexit a mortuis. I Cor. 15, 20).

A todos os amigos e irmãos em Cristo, uma feliz e santa Páscoa!  
ALELUIA!



(\*) Antonio Jurandyr Amadi, 80 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e latim [jura.amadi@ig.com.br](mailto:jura.amadi@ig.com.br)



Erro de digitação? Não! É “misericordiar” mesmo. É o neologismo criado pelo inventivo Papa Francisco. É deixar-se possuir pela misericórdia e atuar com misericórdia. É bem essa a sensação que vai tomando conta de quem lê o livro-entrevista “O Nome de Deus é Misericórdia”, do papa Francisco com o vaticanista Andrea Tornielli.

É um pequeno livro de 138 páginas (na tradução portuguesa) resultado de uma conversa de 5 horas entre os dois nos aposentos da Casa Santa Marta, onde se hospeda o Papa no Vaticano. Ele não mora em Palácio. É um livrinho fácil, acessível a qualquer inteligência, mesmo para aqueles que já atingiram uma certa senilidade intelectual.

Como o descreveu o diretor de cinema italiano Roberto Benigni, participante convidado do lançamento do livro em Roma, em janeiro de 2016: “É um livro que nos acaricia, que nos abraça, que nos “misericórdia”.

Para Francisco, a misericórdia não é uma virtude adocicada, xarope, condescendente, “bondosista”: Não! É um desafio social, político. É uma virtude ativa, que se move, que se expõe. Não é uma virtude sentada no sofá. É uma virtude dinâmica, como o próprio Francisco. Jamais está parado! Move não somente o coração, mas também os braços, as pernas, os calcanhares, os joelhos: move o corpo, move a alma, jamais está parado. Vai ao encontro dos míseros, da pobreza, não fica parado um segundo, observa Benigni.

Indagado pelo vaticanista Andrea Tornielli, afinal, para o senhor o que é misericórdia? Francisco é direto, simples, do povo: “Misericórdia é abrir o coração ao miserável. Como fez o Senhor: misericórdia é o abraço de Deus, é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar. A misericórdia é a carteira de identidade do nosso Deus.

E nessa visão, Francisco cobra da Igreja e do cristão um comprometimento com a misericórdia: a

Igreja não foi instituída como um tribunal de condenação, fornecedora de clientes para o inferno, mas, para provocar o encontro com aquele amor visceral que é a misericórdia de Deus. Para isso, é preciso desestabilizar o jeito de ser da Igreja hoje: uma Igreja fechada sobre si mesma, encantonada em suas paróquias, na sacristia, nas casas paroquiais ou em palácios. Mas uma Igreja que sai, uma Igreja na rua, na favela, lá onde as pessoas sofrem, onde vivem, onde esperam. A Igreja tem que ser uma estrutura móvel, de primeiros socorros, de pronto atendimento. E reforça com essa bela comparação: a Igreja é como um hospital de campanha, onde se curam

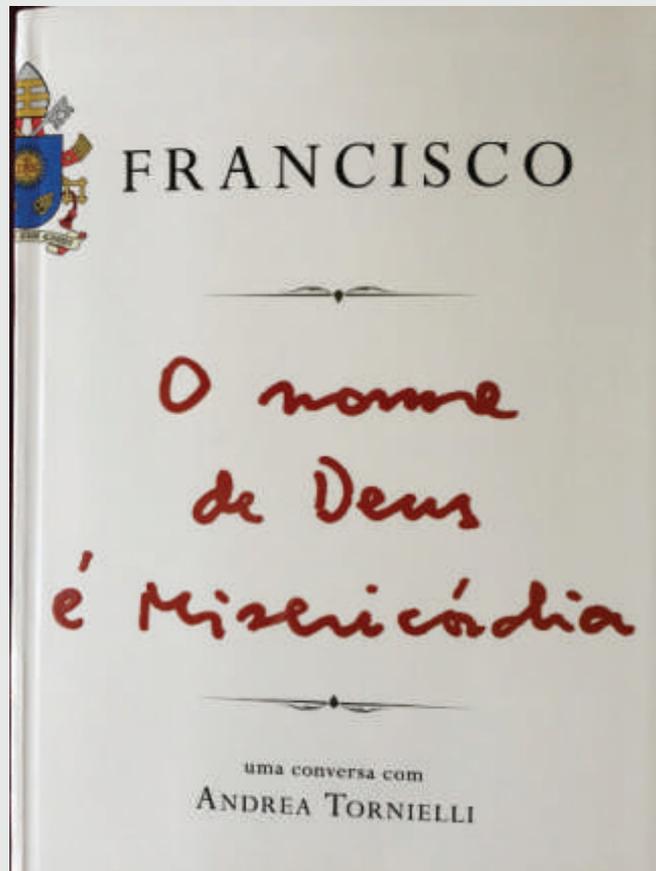
prioritariamente as feridas mais graves. Uma Igreja misericordiosa, que não fica à espera que os feridos batam à sua porta; vai à procura deles pela rua, acolhe, abraça, cuida e faz com que se sintam amadas.

Uma Igreja, portanto, que sabe ir além do rigor da lei, ou da tradição, ou do preconceito, para acolher as pessoas no seu ser e nas suas circunstâncias. Acolher o gay, levar em conta as circunstâncias de uma epidemia de zica para permitir o uso de preventivos da gravidez; perdão e misericórdia para os que se arrependem de terem praticado o aborto...

Francisco só não é tolerante com os corruptos. Não porque eles não mereçam misericórdia, mas por que eles chegam a um alto nível de autossuficiência que não se sentem mais necessitados de misericórdia, nem de perdão. A corrupção, segundo Francisco,

é o pecado que, em vez de ser reconhecido como tal e de nos tornar humildes, é transformado em sistema, torna-se um hábito mental, um modo de viver. Por isso: “Pecadores, sim! Corruptos, não!”.

Estão aí algumas pitadas de sabedoria do nosso Francisco. Mas tem muito mais. Vá ao livrinho: são 138 páginas, distribuídas em nove capítulos e 40 questões inteligentes levantadas por Andrea Tornielli, um papo descontraído com Jorge Mario Bergoglio, o Francisco, Papa. Vá ao livro e deixe-se “misericordiar”.



(\*) Pe. Otto Dana, 77 (54/58) Pároco Emérito da Igreja Sant’Ana em Rio Claro-SP, Diocese de Piracicaba. otto.dana@gmail.com

# APONTAMENTOS DE UM PREFEITO DOS MÉDIOS NO SEMINÁRIO DE SÃO ROQUE EM MEADOS DO SÉCULO XX (2)



Letterio Santoro\*

Passado o primeiro mês de prefeitura (agosto de 1959), o mês de setembro varia de tons. Em dois apontamentos (dias 01 e 18), lamento a saída de companheiros, um dos quais era Wilson Fabris (18). Assim registro no meu Diário em 01 de setembro: *“Mais um levita deixou este ameno vergel e transplanta-se para os jardins mundanaís!...”* Mas não consta o nome do levita. Em compensação o dia 18 de setembro termina assim: *“Wilson Fabris, meu irmão, parte sem medo, vá com Nossa Senhora!”*

Depois da rigidez artificial de agosto, eis que em setembro nos surpreendem registros de sentimentos líricos, espontâneos e naturais: *“Ó Virgem, é belo orar devotamente ao pé de ti, sentindo n’alma as auras de candura que emanam de teus olhos, como linfa divina de fresca e exuberante fonte!”* (19). E no dia 22: *“Eu amo a fresca brisa do campo e o som longínquo e doce de um canário! Almas campestres, quem dera deleitar-me a ouvir o córrego cantando nas brancas pedras de seu leito, e, enquanto rezo humilde, ouvir ao longe o solitário badalar do sino! Eu amo o campo!”*

Registrei ainda, no dia 24, mais um texto romântico: *“Como é bom morar no campo e aspirar de manhã, aos primeiros gorjeios dos pássaros, o perfume das auras que perpassam, trazendo saudade ao coração, e descanso ao corpo.”* Mas em 21 de setembro lá vejo de novo o nariz intrometido do regulamento: *“Agora enfim percebo, Deus meu, quanto gozo sente uma alma esforçada em bem cumprir o seu regulamento. Tenho vontade às vezes de não ser mais prefeito para unicamente gostoso obedecer às ordens e não fazer os outros cumprirem! Ó jugo suave e deleitoso o da disciplina que com tão pequeno esforço nos merece tão alta glória!”*

Informo ao leitor benévolo que tenho onze registros em agosto, seis em setembro, vinte em outubro e apenas cinco em novembro, nada tendo escrito no Diário no mês de dezembro, talvez em razão do vestibular para a Filosofia e da proximidade das férias de fim de ano. Passemos ao mês de outubro com as comemorações de Nossa Senhora do Rosário: *“...Como é bom rezar o terço atenta e devotamente: a Virgem desce por esta escada de preces e vem trazer-nos alívio e consolo”* (dia 07).

E a festa de Nossa Senhora Aparecida no dia 12: *“Eis a figura bendita que Deus nos mandou de seu trono para sanar as nossas feridas espirituais...”* E houve uma procissão em São Roque registrada em 25: *“Christus regnat! Na procissão de São Roque ao ver aquelas crianças todas de branco na frente do Santíssimo, a enorme fila de votos e os seminaristas de alvas sobrepelizes pensei no reinado que haverá no céu. Depois do Juízo toda aquela multidão entrando no descanso eterno! Oh! Será então o triunfo de Jesus, a vitória final de Cristo-Rei!”*

Retornam também as lembranças da infância na primeira quinzena de outubro. Lembranças de minha terra de Fuscaldo, na Itália, de onde vim com sete anos: *“Minha pátria é muito linda! A fé veneranda deixada pelos nossos ancestrais, as igrejas antigas e saudosas onde aprendemos a louvar a Imaculada, os filhos gloriosos que da tumba estão sempre a engrandecê-la, tudo é motivo para louvar o meu torrão natal, a doce pátria minha em que nasci!”*

Lembranças de Entre Folhas, então distrito da gentil Caratinga/MG, onde passei dos sete aos dez anos de idade: *“Nas asas meigas da recordação eu volto aos menineiros dias de meus primeiros anos. A Vila de Entre Folhas... Oh! Aquelas frescas manhãs quando cedinho, ao doce embalo das auras*

*matutinas seguia para a escola! Passava na solidão das ruas acompanhado apenas do alegre gorjeio dos passarinhos!...”*

Mas na segunda quinzena de outubro, meu Deus, a consciência de prefeito assume novamente com força: *“...Minha alma neste mês esteve em aflições tremendas, dúvidas e o desânimo de ver uma divisão (dos médios) assim relaxada!”* (dia 14). *“Com todo esforço que faço penso ainda não cumprir perfeitamente o meu dever de estado...”* (dia 16). *“Desanimar! Eis o que por vez me vem à mente! Avisa-se, aconselha-se, mas qual! É sempre o mesmo barulho diabolicamente fingido ou satanicamente manifesto!”* (dia 22).

*“Obediência é a submissão de nossa vontade à vontade dos superiores. Assim nos disse hoje nosso caríssimo Pe. Ministro. Que de mais belo há, meu Deus, que a obediência? Aceitar tudo por amor de Deus, para meu futuro Sacerdócio!”* (dia 23). Interessante, porém, é o que vem a seguir nas páginas dos dias 24, 26 e 29 de outubro: *“Veio-me hoje vontade louca de pedir ao Reitor para me tirar de prefeito. A turma não obedece!...”* (dia 24).

A coisa passa do individual para o coletivo: *“Pelos coisas como vão indo, resolvemos os prefeitos congregar-nos no quarto do Pe. Ministro. Pelo que parece as coisas não vão bem e não vão mesmo! Pobre Pe. Reitor! Quantos avisos, conselhos, ameaças! Tudo isto adianta? Nada, nada, nada!...Vontade tenho às vezes de... dar uns murros nestas caras sem um pingo de vergonha!”* (dia 26).

O problema pelo visto não era só meu, mas dos outros prefeitos também. E a reunião dos prefeitos com o Pe. Ministro aconteceu: *“Reunimo-nos no quarto do Pe. Ministro e aí falamos abertamente de tudo. É bom de quando em vez ter tais palestras, pois a gente fica sossegado e sem preocupações...Era mesmo demais!”* (dia 29).

Mas nem tudo eram problemas, nem tudo obsessão pelo regulamento. Havia também descobertas surpreendentes de Literatura. No dia 15 de outubro eis um histórico registro: *“Descobri hoje sem querer pequeno círculo literário que alguns da 1ª série e da admissão resolveram criar! Começou bem animado: falou-se poesia, declamou-se trecho próprio ou não, e, como toda criança, estão animados e entusiasmados! Falei-lhes de nossa pequena academia na 4ª série e animei-os a cultivar a arte para sermos um dia sacerdotes santos. Gosto muito de ver estas empresas e animo-as”*.

Esse apontamento revela iniciativas literárias espontâneas, de que participou, se me não falha a memória, o nosso amigo, então criança, Roberto Mecelis. Talvez o José Moreira pudesse falar da experiência dele com teatro enquanto prefeito. O texto fala também da minha alegria com a descoberta daquele grupo literário. E revela até a existência de uma academia durante a nossa 4ª série.

O registro de 17 de outubro aponta para a compulsividade em escrever que me tomava naquele fim de adolescência: *“Coisa horrível! Só me vem pensamento de escrever, escrever sempre, sempre! E é duro dominar-se esta praga! O Pe. Espiritual disse que é preciso escrever e escrever bem; mas não nas horas de capela ou estudo sério, é claro! Vou me esforçar e muito para controlar este violento batel, a minha imaginação.”* Lembro-me de anotar os temas em papeizinhos para futuro desenvolvimento. Coisa que faço até hoje para não perder a inspiração do momento. (CONTINUA).

(\*) Letterio Santoro, 76 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência), POEMAS PARA O MEU POVO. Reside em Garça/SP letterios@hotmail.com

# Extraído do ECOS DA TRIBUNA nº 22 de ABRIL de 1959

## REMINISCÊNCIA

Arnaldo de Oliveira Figueiredo-6ª série\*

Como à lembrança me vem  
Aquela vida de outrora:  
Tinha afagos que não tem  
Minha existência de agora!...  
Como eu ridente corria  
Sobre a relva esperançosa,  
Como enxergava a alegria  
Qual verde botão de rosa!

Eu vagueava pela grama  
Dos chuveiros sob a água  
E, ao chão a prateada lama  
Era a minha branca mágua.  
Oh! que saudade, meu Deus,  
Roreja-me sobre mim:  
Dos alvos chuviscos meus  
Não volta mais o festim!?...

Adeus, gôzo de querer  
No monte pegar ao sol  
Quando ao fulgir ou morrer,  
Ia aos braços do arrebol.  
Da mata, cedo, ao barulho,  
À mãe - humana bondade -  
Dizia, já com orgulho:  
-“Lá existe uma cidade?”

Ou, se o vermelho jazigo  
A aurora fazia seu  
-“Mamãe, vem olhar comigo  
O sangue de Deus no céu!”  
Oh! esta saudade imensa  
Imiga de todo alvor  
Sem brio, sem recompensa,  
Porque me dedica amor?!

Nos bosques... quantas ledices...  
E, n'alma... quanta extensão!  
Das aves quantas meiguices  
Inda mostra o coração:  
A vida punge sòmente,  
Tão triste quão leda fora,  
À avezinha descontente  
Que da infância longe, a adora.

Já nestas horas sombrias  
Se espalha quieta a memória  
Sobre as auras fugidias  
Dos campos de infantil glória;  
Oh! que saudade, meu Deus,  
Roreja-me sobre mim:  
Longe os brandos escarcéus  
Me acenam em pranto assim!

(\*) Arnaldo de Oliveira Figueiredo (58/59)  
falecido em 1978.

## APOCALIPSE

Giustino Bottari-4ª série\*

O céu já está rosado. As tempestades  
em turbilhões à terra descerão.  
O braço do Infinito está cansado,  
manteve-se por muito levantado;  
lampejam mil castigos que o mundo arrasarão.

A destra Onipotente quis calmar-se;  
Com tantos crimes, não se comoveu.  
Reage ao Criador a criatura,  
rasteja o pecador em lama impura,  
clemência mais não pede, no lodo apodreceu!

E tirados do nada, O caluniam,  
dizendo até que nunca Ele existiu.  
Que o mundo é livre, que não quer tiranos,  
que crença, isto já foi de antigos anos,  
que agora é diferente. O abismo já se abriu!

O abismo já se abriu! A mão paciente  
ergueu-se, e o chão da terra queimará.  
Os rogos não ouviu o Autor de tudo,  
a ira choverá, e o mundo mudo  
no seu negro silêncio, a morte encontrará!

Até esta hora o Céu tirou as vistas  
do vil pecado e do vil pecador.  
Porém eis que é chegado o dia da ira,  
o raio feridor, cansada, atira  
a mão que o segurava, a mão do Vingador!

O fim chegou! Oh vil humanidade,  
converte-te, que o Justo te venceu.  
Não chores pelo sangue enfim descendo  
de polo a polo, a terra enrubescendo  
de roxo enegrecido, pois Deus se enfureceu.

No Gólgota pediste em roucos gritos  
que em ti caísse o sangue do Homem-Deus.  
É o que acontecerá. Chora contrita,  
da mãe-Jerusalém filha maldita,  
sim, chora, humanidade, e chora os crimes teus!

(\*) Giustino Bottari (58/59) jornalista, publicitário, redator  
e diretor de arte. [giu.bottari@hotmail.com](mailto:giu.bottari@hotmail.com)



# O DISTINTIVO OFICIAL DO GRÊMIO LITERÁRIO PIO XII

Attilio Brunacci\*



Pois é, Quinzinho; li o seu esclarecedor artigo “Hino oficial do Grêmio Literário Pio XII”, publicado no último número do nosso Echus do Ibaté (nº 141, janeiro/fevereiro-2016). Verdadeira exegese de um poema a qual, lamentavelmente, os ibateanos - pelo menos eu - tiveram conhecimento algumas décadas após terem passado pela vivência desse Grêmio Literário. Valeu a matéria!

Isso mesmo, uma exegese no seu significado mais autêntico, uma vez que as suas análises e comentários tiveram o objetivo esclarecer minuciosamente - tal qual a exegese de um texto bíblico - o recado embutido nesse hino oficial. Daí me veio à lembrança agradecer-lhe (vivendo e aprendendo) e, ao mesmo tempo, a lembrança de que nos meus velhos guardados tenho um distintivo do Grêmio Literário Pio XII. Isso mesmo, um distintivo; hoje se chama “bóton”, “pin”, sei lá!

Por que não - perguntei a mim mesmo - ilustrar seu precioso resgate histórico com a apresentação de uma foto desse distintivo? Não deu outra, como a gente pode observar nesta foto.



Me lembro que eu ostentava com garbo esse distintivo na lapela do meu paletó azul-marinho por

ocasião das solenes sessões literárias.

Transcrevo aqui o segundo verso do hino que você resgatou; o verso tem tudo a ver com o distintivo:

*“Este grêmio é uma escola de arte  
E da letras e do bem falar  
De Pio XII empunhando o estandarte  
Confiantes ansiamos o Altar”.*

Na verdade, mais do que um simples distintivo, trata-se de um verdadeiro brasão artístico, rico de simbologia religiosa, histórica e cultural. Grêmio com o nome do papa Pio XII era uma homenagem de respeito ao pontífice reinante, que esteve à frente da Igreja de 1939 a 1958, durante, portanto, todo o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Era chamado o “Papa da Paz”, razão pela qual pode-se ver as armas da Cidade do Vaticano em fundo branco, cor símbolo da paz. Aliás, o Seminário de São Roque foi inaugurado apenas quatro anos após o término da guerra.

Observamos ainda a clássica figura do pergaminho com a pena, em fundo azul. O azul simboliza o manto de Maria, justificando o lema que integra o distintivo: *Litteras discere in sinu Matris*.

Também em fundo branco, pode-se observar a figura da hóstia que se apresenta como uma referência às letras do hino “Confiantes ansiamos o Altar”. O altar representava o sacerdócio, objetivo último e razão de ser de estarmos no Seminário de São Roque, rumo-pelo menos pressupunha-se- ao ideal sacerdotal.

Em outros termos, Pio XII protagonista na história da Segunda Guerra Mundial; as figuras religiosas da hóstia, centro da celebração eucarística; o desenho da pena no pergaminho (a arte das letras) sobre o azul do manto de Maria, Padroeira do Seminário. Um conjunto de elementos simbólicos que resultam no artístico brasão do Grêmio Literário.

Volto, então, às últimas linhas da análise do colega Quinzinho. Ele termina referindo-se à “expressão artística” desse hino. “Afim - diz ele - a arte também pode ser um serviço, assim como a religião. Há que ter esperança de que ambas, arte e religião, estejam sempre a serviço da felicidade do destino humano”.

Faço minhas as palavras dele, aplicadas agora ao artístico “bóton” (êpa!) do saudoso Grêmio Literário Pio XII: arte e religião sempre “a serviço da felicidade do destino humano”, no sacerdócio ou no laicato. Assim seja!

(\*) Attilio Brunacci, 79 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb”: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com

# PARÓQUIA DAS TROVAS

## SOGRA

Cuidados tenho com sogra,  
pode ser ela quem for...  
A espécie lembra-me cobra  
e raramente uma flor...

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Minha sogra foi pra mim  
solícita e dedicada  
nesta trova, quero sim,  
sua memória cultuada.

Alfredo Barbieri (49/53)

Sogra que com sogra briga  
é tumulto declarado;  
ficar longe dessa intriga  
é muito recomendado.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Da sogra não sou refém:  
Testemunha de Jeová!  
De vez em quando ela vem  
Nós aqui, ela acolá.

Antonio Carlos Correa (64/67)

Minha sogra deu-me um prazo,  
Mas meu sonho é ser atleta;  
Agora não sei se caso  
ou compro uma bicicleta.

Jaime Pina da Silveira (52/58)

## CUNHADO

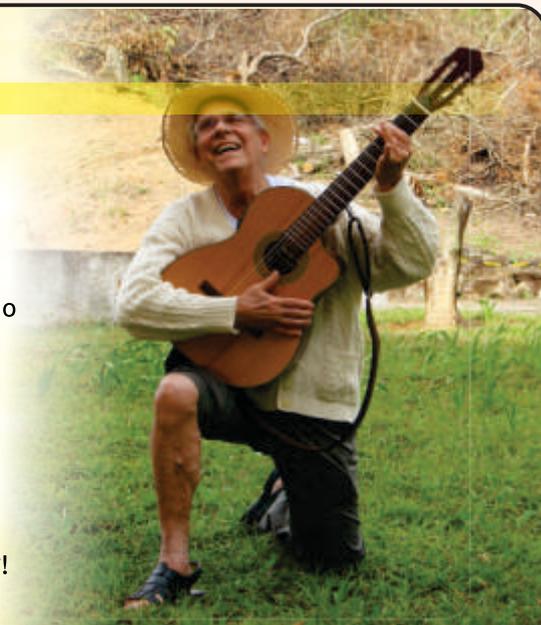
Mesmo a palavra cunhado,  
não sei porque, cheira mal...  
Na festa é sempre o esfaimado  
e o beberão sem igual...

O cunhado não é chegado  
em trabalho e compromisso  
foi morar como agregado  
no meu lar, eu, mereço isso ?!

É de praxe se afirmar:  
cunhado não é parente;  
então vale questionar:  
seria mero aderente?

Cunhado é mal necessário:  
Quem é que produziria  
aquele tio legendário,  
Tanto humor, quanta alegria?

“Munheca” evita bombom,  
Porque dói; nem come unha.  
Se cunhado fosse bom  
Não começava com “cunha”.



Temas para o  
próximo ECHUS:  
**VERDADE e MENTIRA.**  
Envie-nos você  
também a sua trova.

**FS**  
**AMARAL**  
ADVOCACIA

## © F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

[contato@fsamaral.com.br](mailto:contato@fsamaral.com.br) - <http://fsamaral.com.br>



### Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

### Entre em contato!

[www.estudiomutum.com.br](http://www.estudiomutum.com.br)  
Av. Francisco Matarazzo,  
229 - cj 45 - Água Branca  
[contato@estudiomutum.com.br](mailto:contato@estudiomutum.com.br)

**11 3852 5489**

# E la fila va...



ANTÔNIO CORREA(\*)

Esteja onde estiver, não importa, você sempre estará ocupando lugar em alguma fila. Pense nisso!

Foi o grande escritor italiano, Giovanni Papini que com suas sempre caprichosas fantasias modelou uma estranha e enfermiça personagem que, como qualquer ser vivo, se incomodava com as filas. Ansioso por conhecê-las em sua essência, arquitetou visitas a inúmeros lugares, arrumou as malas e saiu em viagem pelo mundo afora. Rússia, Índia, China, Estados Unidos, vários países da Europa e da África foram revistados por aqueles olhos sindicantes. Não sabemos se todo esse esforço resultou na cura da obsessão, mas de toda sorte conseguiu criar uma longa lista de curiosidades e prodígios que ao seu final deram corpo à bela e delirante narrativa do genial florentino. Ao que tudo indica, tais filas eram do tipo denominado “indianas”. Indiana, não de Índia, mas muito mais de “indígena”, dado que tal nome de fato faz referência à prática dos ameríndios; eles caminhavam uns atrás dos outros, dizem que com a finalidade de destruir as pegadas dos que iam na frente. Esta é a fila indiana legítima. E se por acaso a personagem tivesse dado uma passadinha rápida no Seminário de São Roque, teria encontrado lá uma outra modalidade de fila, uma derivação, a fila dupla.

No velho Ibaté, sobretudo nos momentos diários de silêncio obrigatório, nos deslocamentos em grupo de um ambiente a outro, caminhávamos todos os alunos predominantemente em fila dupla. Em consulta a um dos mais prestigiados especialistas em comportamento e costumes daquela casa de levitas, o Prof. Jorn. Antônio Carlos Marques, mais conhecido como Zaqueu, um veterano puxador de filas<sup>1</sup>, ele nos afirmou que a fila dupla é certamente produção própria dos padres-professores daquela instituição religiosa, preocupados que estavam com o controle disciplinar de seus alunos. Afirma ele que “...havia interesse em manter os meninos sob os olhos de uma maneira mais próxima. O controle desse modo seria facilitado... além do mais, essa

diminuição da área pela metade levava a vantagem de criar-se uma contiguidade, um aconchego, um calor que fazia bem ao espírito dos meninos e amenizava o impacto de sua rigidez”.

É sabido que a certa altura de sua existência, a casa adotou a prática de dividir os alunos em turmas de acordo com a idade, além da evidente dificuldade da ocorrência de *amizades particulares*, diga-se de passagem. Não é impossível que tal providência tenha sido um legado do Seminário de Pirapora, a verdadeira matriz e modelo do Seminário de São Roque. Desse modo e mesmo assim, foram criadas as turmas dos menores, dos médios e dos maiores. Cada uma delas foi batizada com o nome de um santo especial, em conformidade com a idade desse mesmo santo. Dessarte, o grupo dos meninos mais novinhos ganhou o nome de São Domingos Sávio, o santo jovem religioso, virtuoso modelo de infância. São Luiz Gonzaga, o santo jesuíta padroeiro da juventude e dos estudantes, com todo o seu carisma, era a homenagem realizada pela turma dos médios. Os mais velhos, os grandes, mantinham-se sob a proteção do glorioso São José, um veterano santo, sobre o qual era projetada a almejada maturidade daqueles imberbes adolescentes. Estruturalmente então, havia três

filas, sendo cada uma delas - há controvérsias - dividida em duas partes.

Essas filas formavam-se pelo tamanho; eram baseadas na altura de cada aluno. E não havia outro jeito: os de mais baixa estatura eram sempre os primeiros; eram os *puxadores de fila*. Lá trás, os últimos... pela grande maioria, eles eram considerados os “gigantes” de São Roque. Creia o leitor que alguns desses meninos eram até mais altos do que os próprios padres, pessoas adultas.

Na história do Seminário de São Roque, houve muitos



Cláudio Giordano



<sup>1</sup>É público o conhecimento de que Zaqueu sempre foi o primeiro da fila. Mas ele cresceu durante seu tempo de seminário. Cresceu e ultrapassou a altura daquele que ocupava o segundo lugar: Silvio Martins Filho, vulgo “Mineirinho”. Dizem que os desentendimentos entre ambos eram constantes. É que “Mineirinho”, o “sarado”, sentindo-se ameaçado de perder seu segundo lugar, pois não queria ocupar o primeiro, como artimanha, deixava seu cabelo crescer; ficava aquele topetão a la Elvis Presley e ainda adicionava o Dura Lex, sed Lex, o famoso Gumex, E nascia um banzé. Não é impossível que o ameaçasse com seu poderoso e amedrontador biceps, o mais famoso. São histórias que o povo conta.



“gigantes” famosos, aqueles meninos compriiiiiidos, verdadeiros pirulões, o que é absolutamente normal em qualquer reunião de pessoas. Por questões de espaço, podemos aqui lembrar apenas alguns deles, como por exemplo, o de grata memória e sempre admirado, Cláudio José Fondello, também pianista, trompetista, cornetista, organista. Seu apelido era “Compasso” e adivinhem o porquê; mentalizem o comprimento e a proporcionalidade das pernas de um simples compasso! Outro amantíssimo e memorável “gigante” era José Carlos da Silva, mais conhecido como “Vigão”. Para as proporções daquele início de tempos, o garoto era alto demais, verdadeiro vigão, e fazia par com o querido José Ferreira, o “Ferreirão”, hoje o altíssimo Padre José Ferreira instalado em Mauá-SP. Havia muitos outros, dentre eles, alguém que continua sendo um gigante até os dias de hoje, o Dr. Rovirso Aparecido Boldo, e bota gigantismo nisso!<sup>2</sup>

Aos meninos menores não era propiciada semelhante contemplação, mas havia uma importante função que deles se esperava: os bem menores, os verdadeiramente minúsculos, ocupavam o grato posto de *puxadores de fila*; eram eles que literalmente arrastavam todos para uma determinada direção, verdadeiros 'alfas' que cumpriam o ofício sempre com um orgulhoso e indisfarçável sorriso nos lábios. Nesse contexto, contudo, há dois exemplos espetaculares de *puxadores de fila* que se tornaram genuínos gigantes nos dias de hoje; gostaria agora de lhes apresentar e destacá-los no presente texto, eles que passam a ser o verdadeiro alvo de nossas atenções. São eles: **José de Anchieta Alves Costa (1959-62) & Cláudio Giordano (1951-57)**. No presente momento, eles estão aí bombando...

Esse **José de Anchieta** é hoje o que costumamos

chamar de grande simpatia, grande alma que é; saímos de sua companhia sempre melhores do que quando entramos. A informação de que Anchieta, naqueles tempos, era um exímio *puxador de fila* veio lá de Belo Horizonte, em conversa que tivemos com um de seus maiores fãs, o também gigante José Moreira de Souza, turma de 1955, de codinome “Cafezal”, muito inteligente e perspicaz, um dos primeiros de sua classe, mas, pirulão que era, um dos últimos da fila do São José. Em meio aos comentários a respeito do lançamento e noite de autógrafos do amigo Anchieta, com o livro “CENOGRÁFICA MENTE - da cenografia ao figurino” aqui em São Paulo, no dia 5 de março último, cerimônia de casa cheia, com filas e filas formadas pela nata da classe artístico-teatral e da qual tive a honra de participar, ele perguntou: “O Anchieta cresceu? Ele era puxador de fila, sabia não? Era um garotim magrim, baixim, baixim, que só vendo! Faz tempo que não vejo ele. Será que ele cresceu?”.

Em sua presença, não há quem por ele não se sinta atraído e encantado, esse gigante da Cenografia Brasileira: penso que talvez seja pela naturalidade de seu sorriso ou pelo fulgor de seus olhos concentrados. Deles surge uma energia fulgurante, uma vivacidade muito peculiar. O que será isso? Seu coração



transbordava de alegria, pois este livro, como o anterior, é testamento e documento de transmissão ao mundo de seu vasto conhecimento e de sua experiência. Lançar um livro não é diferente da experiência de assistir a um filho nascer. Folheando-o, é gritante a mensagem de que se trata do resultado de um enorme, árduo e minucioso trabalho. Seu sorriso também é bastante cativante, pela evidência de sua própria satisfação e a de todos os ali presentes. Mas não deixo de observar que aquele vinco que lhe corta verticalmente o entreolhos revela o sinal de uma insatisfação estrutural: inicialmente somos levados a crer seja o simples esforço de

um míope que não se contenta apenas com o poder de ver o mundo através da profana materialidade de um par de olhos biológicos, ou pelo que lhe é proporcionado pelas lentes corretoras. Contudo, verificando-o mais atentamente, foi-me possível enxergar ali a manifestação de um instinto, algo já muito bem formado e amadurecido que lhe surge do interior de modo natural, quero dizer, tal qual um girassol em sua persecução do astro rei, esforça-se ele em olhar esse mesmo mundo com absoluta e especial nitidez, calibre e espanto, a fim de enxergá-lo no mais completo de sua plenitude, amplitude, contexto e composição. E Anchieta prova que o consegue: enxerga aquilo para o

<sup>2</sup>E bota puxasaquismo também!

qual nem conseguimos direito olhar. Leva jeito, por isso, de ser um gigante mesmo... Preenche assim todos os espaços e todos os vazios com o rico material imaginativo que traz dentro de si, ao que parece, em abundância. Os cenários e seus figurinos borbotam caudalosamente de sua portentosa imaginação criativa. Todos eles de arrebatadora beleza. Seu segredo? Não é bem um segredo; é uma lição de vida para todos nós: com as antenas todas conectadas, permanece aberto e sempre assombrado ao mundo e às experiências e não se mete na vida de ninguém. Ah... não deve se meter mesmo, cláusula pétrea em sua vida. Já o vi expressar-se desse modo... Um mago. Ele olha e vê o que não conseguimos ver; seu olhar é finamente educado, preciso e certo. Qualidades assim são sempre fruto de intenso trabalho, disciplina e treinamento. Ele que o diga! Uma sensibilidade que não se deixou corromper, certamente.

Sabemos que o artista não é um tipo especial de homem, forjado que tivesse sido com exclusividade lá nas oficinas da Criação, mas, sim, cada homem é um tipo especial de artista. Ousamos desse modo afirmar sem titubeio que sua mais afinada especialidade se define pela qualidade consciente de seu olhar, o que o permite enxergar o mundo como poucos. Isso é nato? Isso é adquirido? Sabe-se lá; não podemos responder. Antes de tudo, Anchieta nasceu em Caruaru... Mestre Vitalino e tanta luz - isso já é quase o bastante, em razão de seu intenso significado cultural. Desde tenra infância, arrodado por cores e formas; muitas cores, muitas formas, olhar, então, plenamente alfabetizado; imaginação palpavelmente colorida. Tudo isso, ele aprendeu; sensibilidade aguçada. Temos certeza que ele já chegara assim naquele Ibaté; estava completando dez anos. Dez anos ininterruptos de treinamento! Olhos que nunca deixaram de ser crianças. Quando o Padre João Bosco Galvão de Camargo, o Pelé de sua vida, convidou-o para que o auxiliasse na pintura do cenário de uma peça teatral, exerceu-se ali o toque de um anjo que orientava os passos daquele *puxador de filas*: era o “Carlos Alberto Torres” que recebera aquele miraculoso passe: um **gol de veia** com pé direito que escancarou-lhe as portas de seu artístico destino.<sup>3</sup> Destino para o qual já se encontrava suficientemente preparado. Está aí a prova. Parabéns! Mas o orgulho, dá licença, é todo nosso.



José de Anchieta, Careca, Wilson Mosca e Wilson Cruz

-Hummm. O Anchieta cresceu?

-Cresceu, sim, só que eu não tenho instrumentos para aquilatar as suas dimensões. É demais para mim!

-Muito bem, não tem problema. Quando encontrá-lo, mande-lhe um grande abraço meu. Diz que vou querer um autógrafo.

-Sim, Professor Moreira, Alô! Sim, eu vou tentar fazer isso, mas não posso prometer tudo, pois a fila aqui está muito muito muito comprida. Vou tentar, vou tentar...

Junto ao amigo ibateano **Cláudio Giordano**, também tive a honra e o prazer de comparecer ao lançamento de seu “APONTAMENTOS DE LEITURAS” da Sesi-SP Editora, agora no dia 30 de março.

“Este livro não passa de um registro: anotações de minha aventura mínima de usuário do livro e praticante da leitura, prática em que alcanço prazer, ludismo, distração e aprendizado de um ‘modus vivendi’ que me justifica a gratuidade de viver.”

**Cláudio Giordano**, um homem de estatura, embora tenha me revelado ser ele o *puxador de fila* do São Domingos, do São Luiz e também do veterano São José durante todo seu tempo de Ibaté. “Eu ainda não cresci”, complementou-me jocosamente enquanto autografava, a casa cheia e com sua respectiva fila.

Quem o conhece sabe que ele cresceu de veras. No panteão do Ibaté, ocupa ele o espaço de O Maior Leitor de Todos os Tempos. Basta consultar qualquer *ibateano* contemporâneo seu, 1951 a 1957, capítulo de sua vida que afirma ter vivido com grande alegria e felicidade,

incluindo o período no Central do Ipiranga.

Lia tudo e de tudo, mas sempre o que lhe era do agrado, faz questão de afirmar. Ainda em seu tempo, era referência dos principais representantes da Literatura Brasileira e da Literatura Estrangeira. Todos os alunos de sua época sabiam disso e formavam-se filas e filas só para consultá-lo - quantas histórias eles contam! espírito crítico, suas palavras sempre foram responsáveis- e não foi à toa que vários padres-professores (vistas grossas àquele gênio) o encarregaram dos cuidados de suas bibliotecas particulares: “Foi assim que conheci Guimarães Rosa”, soprou-me aos ouvidos.

Para ele, livro é um assunto bastante forte, arrebatador. Há pessoas neste mundo que só de pensar ou ver certos alimentos, imediatamente suas glândulas salivares reagem, esguicham longe sua secreção, provocando um grande prazer; não é uma trivial água na boca, mas uma súbita irrupção, um autêntico gêiser. Com o Cláudio é mais ou menos assim quando se depara

<sup>3</sup>Golaço de Carlos Alberto Torres na final da Copa do Mundo de 1970 - vide em <https://www.youtube.com/watch?v=xD6Es8z9Ffw>

com algum livro, sobretudo se se trata de uma obra pouco conhecida, de boa ou excelente qualidade, mas que ficou aí pelo caminho, no esquecimento, sem mídia, sem amparo ou reconhecimento. Mas são seus profundos olhos azuis que emitem um intenso clarão nessa hora de transe, e ele então se transfigura, com aquela “água na boca”: ecce líber!

Não se trata de “amor” aos livros - ele acentua - uma pura descrição de bibliófilo. Aliás, 'bibliófilo' é vocábulo que não lhe é caro nem o define, e que também não expressa o verdadeiro significado ocupado pelos livros em sua vida. Definitivamente, ele não é um bibliófilo. Para ele, livro é uma necessidade; como o ar que se respira, algo que ocupa uma parte natural de sua vida. Não dizemos que amamos a comida; simplesmente a comemos, pois dela gostamos, pois dela necessitamos. Assim, o livro para Giordano.

Modesto, muito modesto: “...aventura mínima de usuário do livro e praticante da leitura...” Ora, ora - falando com clareza - quem fundou e manteve durante anos seguidos uma “Oficina do Livro” por meio da qual foi possível congregando abundante quantidade de obras preciosas; quem fundou uma requintadíssima Editora, a Giordano, na qual por tanto tempo operou pela publicação de uma cordilheira de obras ricas e raras; quem, como verdadeiro e ousado arqueólogo, abençoado por Rute (Ru, 2, 2-4) respigou por tanto tempo em sua vida, estimulando a ressurreição de incontáveis trabalhos de imenso valor literário e que nunca tiveram a sorte de ser verdadeiramente reconhecidos; quem realizou dezenas de traduções, notadamente a do livro de Joanot Martorell, “Tirant lo Blanc” que merecidamente lhe conferiu um “Prêmio Jabuti”; quem possui um tão volumoso acervo pessoal que ocupa hoje salas e mais salas da Unicamp e é eterna fonte de pesquisa; quem pesquisou tão profundamente todos os cantos desse universo, extraindo dele todo o seu suco, oferecendo-o



José de Anchieta

despojadamente ao mundo, com tamanha energia concentrada de vida; ou quem tenha dedicado tanta atenção aos livros durante nada menos que sessenta e cinco anos... ora, essa pessoa, merecedora de todo nosso respeito e reverência, possui um domínio inigualável e de fato é continente de ímpar sabedoria, não podendo, jamais, definir-se “mínimo”. É muita modéstia! Sua aventura é grande. Tornou-se maior com essa aventura.

E quem o conhece de perto, depara-se com inigualável exemplo de humildade e reconhece que ele cresceu bem mais do que se poderia ousar nossa vã imaginação. Analogamente, tornou-se um dos 'empurradores', um dos últimos dessas filas do Ibaté. Esse mesmo Ibaté que dele hoje tanto se orgulha. Parabéns, **Cláudio Giordano!**

...

Tudo anda cheio de sinais... o momento é ótimo para os puxadores de fila do Ibaté, vejam só. É hora, pois, de escrever, pintar, compor, criar, lançar, publicar e fazer parte dessa nobre fila. Muitos já estão nela; a grande fila de escritores, artistas e criadores do Ibaté. São inúmeros, nem calculem! E não se preocupem, pois esta fila é livre, ela pode ser furada e não há senhas.

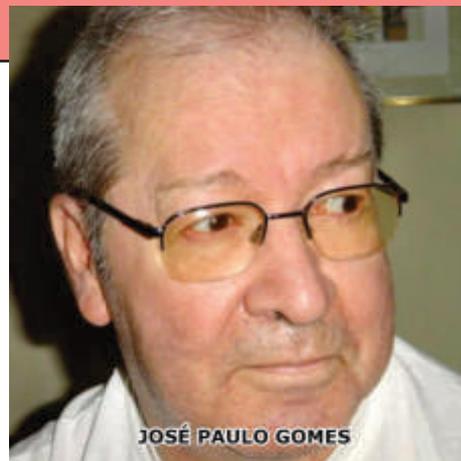
Vimos a mostra de dois importantes puxadores. E chega-nos a fresca notícia de que um outro grande puxador entre os anos 1960 e 1965, o jornalista Zaqueu, já está com livro novo no prelo, com lançamento previsto ainda para este ano, no segundo semestre. Que isso sirva de estímulo aos amigos **Gilberto Gomes (Tigueis), Carlos Rosa (Sapo), Dimas Ribeiro, José Carlos Joy** e tantos outros grandes puxadores famosos.

Eu já vou indo. Tenho que acordar cedo amanhã, pois terei um dia abarrotado de filas. Vich, quanta fila ainda nos aguarda nesta vida! E la fila va...

(\*) Antonio Carlos Correa-Careca, 63 (64/67) É psicólogo em São Paulo acarlos90@uol.com.br

## NA CASA DO PAI

Faleceu em 2 de abril de 2016, aos 76 anos, nosso colega **JOSÉ PAULO GOMES (57)**. A equipe do ECHUS e todos os ibateanos desejam aos familiares as mais sinceras condolências.



JOSÉ PAULO GOMES

# O Cantinho da Vanessa

Joaquim Benedicto de Oliveira\*



Os achaques da velhice chegaram com toda força. Artrite, artrose, escoliose foram, sem contemplação de qualquer espécie, palavras violentamente incorporadas ao nosso dicionário cotidiano. Agora estamos curtindo rimas de ossos quebrados na poesia senil de nossos últimos tempos. As belezas e encantos da nossa melhor idade ou da terceira idade, ou ainda, como querem alguns, da nossa última idade, são, às vezes, hinos de louvor aos médicos do Pronto Socorro. E, outras vezes, sonetos de muitas emendas compradas nas farmácias que dão “descontos” para aposentados. Assim, quase sempre a poesia cotidiana vira romance satírico, eis que a gente acaba aprendendo a escarnecer da cada vez mais preocupante perda da memória.

Outro dia, fiquei abismado: não conseguia compreender o porquê de meu oculista, sim o meu oftalmologista mesmo, me receitar gíngco biloba. Afinal, o que a memória tem a ver com a vista? Será que, quanto mais presente se torna a catarata, mais ausente fica a memória? Ou, quanto mais diminui a memória, mais fraca fica a vista para enxergar o passado? Nem o Google me respondeu essa questão.

Mas um problema, afinal, foi bem avaliado e teve solução pertinente. Quando a esposa completou 80 anos, intimei-a a parar de cozinhar. Demorou, hein? Mas o que vale é que ela ficou feliz já que a artrite não lhe dava mais folga para as mãos. Almoçar fora todo dia exigiu, então, de nós pesquisa dos self-services do pedaço.

O primeiro escolhido foi o “Quilinho”, na Lins de Vasconcelos, restaurante dirigido por simpáticos e competentes “japoneses”. Mais tarde, para variar o sabor das iguarias, passamos a frequentar o “Zio Vitto”, formal restaurante da mesma Lins de Vasconcelos. Seu bufê é mais sofisticado e se insere numa tradição de cozinha italiana, já antiga no bairro.

Recentemente, porém, achamos um terceiro, bem mais próximo de casa, com comida mais simples e emoções mais fortes. Trata-se do “Cantinho da Vanessa”, frequentado por personalidades bem diversas e mais populares. Antes de tudo, o pessoal dos escritórios, acompanhado de seus chefes e ou donos. Gente mais fina, discreta e, às vezes, preconceituosa. Não sentam próximas de “qualquer” companhia. Depois, os “peões” de pequenas firmas do entorno, o pessoal munido sempre de coca-litro, todo dia. Além desses, a turma periódica da Eletropaulo, da Net, da Sabesp e de outros serviços terceirizados por ali. E, finalmente, algumas meninas do “Scandallo”, a sensação noturna da rua Coronel Diogo.

Almoçar e observar o ambiente me é natural exercício de leitura. Eis, então, o texto que li naquele instigante livro da

vida. Ao adentrar o restaurante, dou de cara com o salmo 23 pendurado na parede, acima das mesas. Volto-me, então, para a direita, em direção ao balcão de iguarias e, antes de lá chegar, tenho de passar pela caixa, solenemente encimada, primeiro pelo salmo 91 e, mais acima ainda, pela tela da TV, perenemente encravada na rede globo, com acontece, aliás, em todo e qualquer local público deste país.

Feito meu prato e escolhido meu lugar, passo a observar o local e as pessoas. A Vanessa, cozinheira e dona do restaurante, é uma jovem senhora, de religião explícita, desde as paredes da casa até os aventais de seus serviços. Com efeito, nas vestes das moças e dos rapazes que ali trabalham está impressa a mensagem clarividente de dona Vanessa: “Jesus Cristo o segredo do meu sucesso”. Logo o que me vem à mente é a Teologia da Prosperidade, a famosa mais valia dos cristãos que se tornam ricos, graças à justiça do Senhor. Para confirmar, basta ler os salmos das paredes. Em minha mente, porém, choca-me a violenta lembrança da oposição à Teologia da Libertação, realização da ideal inclusão de pobres (cristãos e não-cristãos), graças à misericórdia do Senhor. Para confirmar, lembro os recentes informes franciscanos vindos de Roma e que os cristãos ricos consideram indivíduos intrusos porque capazes de consumir como eles.

Mas o que sinceramente me distrai é a análise que faço da maneira de se vestir, tanto da proprietária quanto das clientes “scandalosas”.

A Vanessa usa sempre vestido longo que lhe cobre o corpo inteiro, do pescoço aos pés. Além disso, a touca de cozinheira esconde seus cabelos. Em sentido inverso, a menina da noite veste apenas um mínimo short e um bustiê. Esplêndido contraste entre a dona do dia e a dama da noite. Contrariamente, as formas da Vanessa se sobressaem

obrigatoriamente por sua movimentação, sob vestido justo, enquanto as da menina se oferecem gratuitamente aos olhos dos peões, bem como para ser sincero, também aos meus.

Olhos de malícia? Aí surge a extrema contradição: como contemplar com volúpia os corpos exibidos em ambiente supostamente sacralizado? Para disfarçar, leio o salmo 23, chamado gloriosamente, o salmo da prosperidade? Ou admiro ingenuamente a beleza simples da dona Vanessa? E mais: analiso o salmo 91, considerado o mais importante da Bíblia para o sucesso do crente? Ou me perco prazerosamente na visão generosa mas também tentadora da menina do “Scandallo”?

Rezo, então: Jesus, seria apenas minha mente que faz de teu ambiente um escândalo?



(\*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 78 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP [joka.oliveira@uol.com.br](mailto:joka.oliveira@uol.com.br)

# Hotantiqua

## OS GUARDIÕES DA JUSTIÇA

Em tempos de Operação Lava-Jato, esta foto parece mostrar quatro zelosos e competentes advogados criminalistas à espera de novos clientes devidamente instalados em hotéis do governo do eixo Brasília-Curitiba.

À maneira de verdadeiros anjos-da-guarda, o semblante dos quatro deixa transparecer incontida satisfação pela certeza da absolvição de seus clientes, todos eles muito honrados, ou, então, e o que é mais justo, incontida satisfação pelo custo dos serviços advocatícios, sem nenhum escrúpulo pela origem dos honorários.

Mas, não é nada disso! Esta é uma foto histórica de quatro Guardiões da Justiça, ou melhor, de quatro conspícuos ibateanos no dia de sua formatura em Direito, no longínquo ano de 1964, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a conhecida Faculdade de Direito do largo São Francisco.

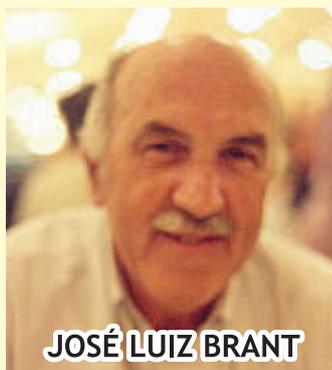
Data maxima venia, eis os nomes dos nossos colegas do Ibaté, da esquerda para a direita:

- José Luiz Brant de Carvalho (1950-1956)
- Alberto Pimenta Júnior (1953-1958)
- David de Moraes (1949-1954)
- João de Assis Benvegnù (1950-1955)

A lamentar apenas a ausência na foto dos ibateanos Francisco Fierro (1949-1953), Leonidas Moreira Neto (1952) e Luiz Alberto Corrêa da Silva (1951-1957) também formandos desse mesmo grupo.

Mais uma vez, o lema do Ibaté: Ut omnes unum sint

Obs.: Esta foto foi cedida pelo colega David de Moraes.



**JOSÉ LUIZ BRANT**



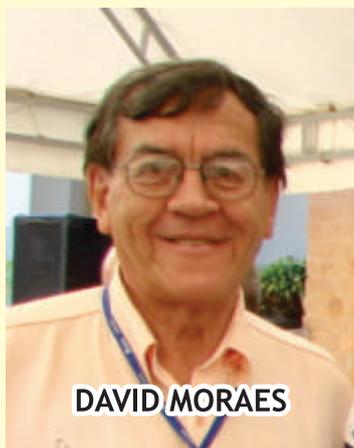
**ALBERTO PIMENTA**



**LUIZ ALBERTO**



**LEONIDAS**



**DAVID MORAES**



**BENVEGÑU**



**FRANCISCO FIERRO**



## REMORSO CRUEL

Um motociclista ia a 140 Km/h por hora e, de repente, deu de encontro com um passarinho e não conseguiu esquivar-se. PA!!! Pelo retrovisor o cara ainda viu o bichinho dando várias piruetas no asfalto até ficar estendido.

Não contendo o remorso ecológico ele parou a moto e voltou para socorrer o bichinho.

O passarinho estava lá, inconsciente, quase morto.

Era tal a angústia do motociclista que ele recolheu a pequena ave, levou-a ao veterinário, foi tratado e medicado, comprou uma gaiolinha e o levou para casa, tendo o cuidado de deixar um pouquinho de pão e água para o acidentado.

No dia seguinte, o passarinho recupera a consciência.

Ao despertar, vendo-se preso, cercado por grades, com o pedaço de pão e a vasilha de água no canto, o bicho põe as asas na cabeça e grita:

OH! MEU DEUS, MATEI O MOTOQUEIRO !!!

(\*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

## AVISO IMPORTANTE

**A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.**

**ENVIAR A CORRESPONDÊNCIA PARA:**

ECHUS DO IBATÉ  
A/C WILSON MOSCA  
RUA CAIOWAA, 1872 - APTO. 34  
01258-010-SÃO PAULO-SP

## *Para-choque do Caminhão do Ubaté*

**Amor de mãe e dívida em  
banco não acabam nunca.**



X



## em ITATIBA

Novamente somos convidados pelo casal amigo, **ROVIRSO APARECIDO BOLDO (64/69)** e **OKSANA DZIURA**, para mais um dia de delícias e conagraçamento no santuário futebolístico dos amigos do Seminário de São Roque. Galo de Ouro e Leão de São Marcos se enfrentam novamente, revivendo as tardes ensolaradas dos domingos dos tempos do Ibaté. Depois da última goleada sofrida o Cacique dos Araçás garante que desta vez tudo será diferente. Da última vez nem com ajuda dos juízes. O que será que ele aprontará deste vez? Futebol, churrasco e efusivo convívio fraternal.

Será dia 30 de abril próximo, um sábado, a partir das 9:00 horas. Legal! Se você nunca apareceu por lá, não é agora que vai perder, de novo, esta oportunidade?! Sempre um dia de sol, os amigos ali, a tranquilidade de horas inesquecíveis, distante dos flagelos e poluição do cotidiano. Um oásis no deserto desta perversa correria. Você pode vir acompanhado, e cada um levará a munição de alimentos e bebidas que for consumir. Maiô, biquíni e short: há uma bela piscina. Ah, não se esqueça, vá preparado para disputar torneio de espiribol! Tudo isso é encontrado no Condomínio Itaembu, em Itatiba. Na altura de Jundiaí, indo pela Rod. Bandeirantes ou Anhanguera, procure sinalizações para Itatiba. Chegando em Itatiba, vá em direção a Bragança Paulista. Após passar sob o viaduto, que é a Rod. D. Pedro I, ande mais uns 3 km e, entre à esquerda (há sistema adequado de retorno pela pista da esquerda) tão logo aviste um posto de gasolina. Damos como referência o Shopping Moenda. Desça uma estradinha asfaltada, de 2 km, até o condomínio. Lá se identifique: sou do Ibaté e terá as portas abertas. Até lá!!!

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.03.2016	
<b>POSIÇÃO EM 31.01.2016</b>	<b>11.572,81</b>
<b>ENTRADAS</b>	
Contribuições e doações	529,10
Juros	131,01
<b>TOTAL ENTRADAS</b>	<b>660,11</b>
<b>SAÍDAS</b>	
Diagramação Echus 141	490,00
Despesas Correios	19,10
Despesas Bancárias	42,75
<b>TOTAL SAÍDAS</b>	<b>551,85</b>
<b>SALDO ATUAL 31.03.2016</b>	<b>11.681,07</b>
<b>Tesoureiros:</b> <b>Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca</b>	

## AGRADECIMENTOS

A **Turma do Ibaté** agradece as contribuições recebidas no período de **01.02.2016** a **31.03.2016**, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio José de Almeida, Antonio Orzari, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviemos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item **CONTRIBUIÇÕES** no **EXPEDIENTE**).

## EXPEDIENTE

**Echus do Ibaté** é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

**Colaboradores deste número:** Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa-Careca, Antonio Jurandy Amadi, Arnaldo de Oliveira Figueiredo, Attilio Brunacci, Giustino Bottari, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro, Pe. Otto Dana.

**Contribuições:** O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

**Equipe Responsável:** Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para **ECHUS DO IBATÉ**, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

**Responsabilidade:** As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

**Internet:**

E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com  
Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com  
E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com  
"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br  
Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br  
Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate  
Comunidade IBATEANOS no Facebook  
Echus do Ibaté nas nuvens: links http://177.103.223.197/Echusdoibate/

**Diagramação:**  
Conexão Propaganda (11) 4063-9081

